



Mailson da Nóbrega

Sem investimentos públicos e privados, surto de crescimento não terá vida longa

Geraldo Gardenalli

As altas taxas de inflação impedem uma reversão sustentável da recessão

Para economistas, reação é cíclica

GLEISE DE CASTRO e
ISABEL DIAS DE AGUIAR

O crescimento econômico no primeiro semestre deste ano compõe um ciclo natural, que não terá sustentação caso não sejam promovidas reformas estruturais para o ajuste da economia, segundo análise dos economistas. Sem o controle da inflação, que permita a retomada dos investimentos, avaliam, a recuperação atual não pode ser considerada como tendência de um crescimento sustentável.

O ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega prevê um PIB 3% maior este ano. "É um ciclo de recuperação sem continuidade porque não há investimentos e a expansão das atividades deverá esbarrar nos limites da atual capacidade de produção", diz o ex-ministro. "Sem investimentos públicos e privados nem esperança de que a inflação será contida, esse surto de crescimento não terá vida longa."

Incerteza — Há alguns fatores que contribuem para a recuperação, como a boa safra agri-

cola e a expansão das exportações. "Mas o clima de incerteza permanece e com isso, o setor privado não se anima a investir", diz Mailson. O setor privado, segundo o ex-ministro, tem o mais baixo índice de endividamento de sua história e por isso, caso fosse reduzido o nível de incerteza, poderia voltar a buscar recursos no mercado financeiro para aumentar a capacidade de produção. "Para incentivar as empresas a ampliar suas atividades é preciso reequilibrar as contas públicas e conter a inflação."

Para Carlos Antonio Luque, presidente da Ordem dos Economistas do Estado de São Paulo, a atual recuperação do nível de atividade não significa que a economia está saindo da recessão. "Ainda não dá para dizer que a recessão acabou e que estamos entrando num processo de crescimento auto-sustentável", afirma. "A recuperação que estamos observando ainda é um comportamento cíclico e não indica uma reversão de tendência." Isso porque, diz o economista, não está havendo investimen-

to e nem há confiança suficiente entre os empresários para que voltem a investir na ampliação da capacidade produtiva. Ele prevê um crescimento do PIB de 2% a 3%.

"Essa recuperação é normal, já que a política recessiva do ex-ministro Marcílio Marques Moreira foi substituída, no governo Itamar, por uma disposição em sair da recessão", diz Geraldo Gardenalli, membro do conselho superior da Ordem dos Economistas de São Paulo. Mas, a seu ver, a inflação é tão alta que é difícil ocorrer uma reversão sustentável da tendência recessiva. Para Gardenalli, o PIB deste ano deve ser 4,5% maior do que o de 1992.

Para Sideval Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas do Estado de São Paulo, a atual recuperação é positiva para conter as tensões sociais, mas deve se esgotar porque não há investimentos. "Só se poderia falar em retomada efetiva de forma sustentável se houvesse crescimento do consumo e de investimentos tanto públicos como privados", afirma.